

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i> , Tim Keller	13
Introdução	21
1. Como a controvérsia se desenvolveu.....	27
2. A graça no Evangelho	43
3. Preparar, distorcer, envenenar	69
4. Perigo! Legalismo.....	91
5. A ordem da graça	115
6. Sintomas suspeitos	147
7. As faces do antinomianismo.....	163
8. Causas e curas.....	185
9. O cerne da certeza	209
10. Como a certeza de Cristo transforma-se em certeza da salvação.....	231
11. “Muitas barreiras há em mim”	251
Conclusão.....	267
Apêndice: A fé segundo Thomas Boston	271
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	289
<i>Índice remissivo</i>	293

PREFÁCIO

O livro que você tem nas mãos é mais do que uma ótima reflexão histórica; é também um “tratado para os tempos”.

A controvérsia do cerne foi uma polêmica ocorrida dentro da Igreja da Escócia no início do século 18. As circunstâncias dessa polêmica, embora não tenham sido sua causa principal, estavam relacionadas à reimpressão da obra *The marrow of modern divinity* [O cerne da teologia moderna],¹ de Edward Fisher, à qual se seguiu uma dissensão. A raiz da polêmica era a dificuldade perene de estabelecer uma relação adequada entre obras e graça, lei e evangelho, não apenas em nossa teologia sistemática, mas também em nossa pregação, no ministério pastoral e, acima de tudo, em nosso coração. Sinclair Ferguson narra com competência a história da controvérsia do cerne, explicando-a de forma acessível e interessante. No entanto, seu verdadeiro objetivo não se limita a essa narrativa. Diante do cenário e dos aspectos daquela

¹Obra não publicada em português até a presente data. Sempre que essa obra é citada pelo autor, referimo-nos a ela usando uma forma reduzida do inglês: *The marrow*. A palavra *marrow* permite traduções como “cerne”, “essência”, “medula”, “tutano”. Por isso, a expressão “the marrow controversy” é traduzida em algumas fontes por “controvérsia da medula”. Há fontes que optam por “controvérsia de *marrow*”, sem traduzir *marrow*. Na presente tradução, a forma escolhida foi “controvérsia do cerne”. (N. do T.)

antiga polêmica, ele quer nos ajudar a entender a natureza desse problema perpétuo — problema que atormenta a igreja de nossos dias. E assim o faz da maneira mais esclarecedora e convincente que conheço na literatura evangélica atual.

Um dos aspectos singulares da polêmica do cerne é que os defensores de *The marrow* eram acusados de apoiar o antinomianismo, e pelo menos alguns de seus críticos, por sua vez, eram suspeitos de legalismo — embora todos endossassem o que a Confissão de Westminster declara sobre as obras e a justificação. A Confissão apresenta essa doutrina com precisão e clareza impressionantes. Ela ensina que a fé em Cristo conduz à justificação, que tem como base “a obediência e a satisfação” de Cristo imputadas a nós, não algo operado em nós ou por nós.² Todavia, embora as boas obras de forma alguma sejam o motivo de nossa justificação, elas são necessariamente evidências de que temos a fé que justifica.³ Todavia (de novo!), essa “obediência evangélica” — boas obras derivadas da “gratidão” e da “confiança” relativas à nossa salvação pela graça⁴ — jamais e de forma alguma faz parte de nossa condição de justificados diante de Deus,⁵ condição essa que não pode ser perdida, mesmo quando, em razão do pecado, caímos no “paternal desagrado de Deus”.⁶

Essa é uma exposição altamente diferenciada da interpretação protestante da justificação somente pela fé e por meio de Cristo. Todos os nomes envolvidos na controvérsia do cerne endossavam essa declaração teológica expressa com toda a exatidão. Como então poderiam surgir acusações e contra-acusações de antinomianismo e legalismo, expondo uma falha na igreja que acabaria levando a

²*A confissão de fé de Westminster* (São Paulo: Cultura Cristã, 2017), 11.1.

³*Ibidem*, 16.2.

⁴*Ibidem*.

⁵*Ibidem*, 11.1.

⁶*Ibidem*, 11.5.

um racha na denominação? Tal exatidão teológica é fundamental, mas é claro que ela não põe fim a esse problema recorrente em torno do papel da lei e da obediência na vida cristã.

Partindo da controvérsia do cerne como estudo de caso, Sinclair Ferguson chega a diversas conclusões, mas as expande e contempla de modo que possamos aplicá-las aos nossos dias. Eis alguns de seus argumentos e teses que considero bastante úteis, convincentes e sábios.

A primeira conclusão irrefutável é que *legalismo e antinomianismo são muito mais do que posições doutrinárias*. Nenhum dos lados na controvérsia do cerne estava dizendo: “Podemos nos salvar por meio das obras” ou “Uma vez salvos, não precisamos mais obedecer à lei de Deus”. Nenhum dos lados endossava alguma doutrina expressamente legalista ou antinomiana. Ainda assim, legalismo e antinomianismo podem marcar forte presença em um ministério. Cada um representa uma rede formada por posturas do coração, costumes, caráter e modos de ler as Escrituras. Em certo momento, Sinclair Ferguson afirma com propriedade que o espírito do legalismo consiste parcialmente em como nos *sentimos* em relação a Deus.

O espírito legalista se caracteriza por ciúme, excesso de sensibilidade a questões menos importantes, severidade “metálica” diante de erros e um padrão de pouca generosidade na tomada de decisões. Tanto o autor de *The marrow of modern divinity* quanto Thomas Boston, o principal nome do movimento e seu ponto de apoio, compartilham relatos emocionantes e convincentes de como haviam passado anos no ministério endossando a doutrina correta da justificação, mas na prática ainda agindo como se a lei de Deus fosse uma “aliança das obras” e não uma “regra de vida”.⁷ Ao mesmo tempo, o antinomianismo prático pode se desenvolver

⁷Ibidem, 19.6.

mesmo quando se nega o antinomianismo doutrinário. Ele pode assumir a forma de um evangelho secular de autoaceitação disfarçado de cristianismo. Está ainda mais presente quando a pregação e o trabalho pastoral do ministro se caracterizam por um divórcio sutil entre dever e prazer. Quando a obediência e a submissão a Deus não são apresentadas de modo pleno, fervoroso e completo como motivos de grande alegria — como formas de refletir a Deus, conhecê-lo e dar-lhe prazer —, existe uma tendência ao espírito antinomiano.

A segunda lição que aprendi é que *o legalismo e o antinomianismo têm a mesma raiz*. Meu palpite é que a maioria dos leitores verá nesse pensamento o melhor dos insights deste livro, algo que poderá até mesmo desencadear uma proverbial mudança de paradigmas. Pensar no legalismo e no antinomianismo como elementos totalmente opostos um ao outro é um erro fatal para o pastor. Sinclair afirma que, pelo contrário, eles são “gêmeos não idênticos do mesmo ventre” e os remete à “mentira de Satanás” no jardim do Éden, a saber, a mentira de que não podemos confiar na bondade de Deus nem em seu compromisso com nossa felicidade e bem-estar; portanto, se lhe prestarmos plena obediência, sairemos perdendo e seremos infelizes.

As duas formas de pensar se recusam a crer no amor e na graça de Deus; portanto, partem do princípio de que todos os mandamentos que recebemos são evidências de que ele não está disposto a nos abençoar. Ambos os pensamentos deixam de reconhecer que a obediência é o caminho que agrada ao Deus gracioso e o que nos transforma em nosso verdadeiro eu, a pessoa que fomos criados para ser. Antinomianismo e legalismo compartilham a mesma falta de entendimento em relação à alegria da obediência, que é vista como algo que nos é imposto por um Deus cujo amor é condicional e não está disposto a nos abençoar, a não ser que nos esforcemos bastante. A única diferença entre as duas mentalidades é

que a legalista toma sobre si um pesado fardo, ao passo que o antinomiano o rejeita e o descarta ao enfatizar que, se Deus fosse de fato amor, não pediria que carregássemos esse fardo. Para preservar a ideia de um Deus gracioso, os antinomianos encontram meios de defender o pensamento de que Deus não exige obediência.

Portanto, a terceira verdade que aprendi foi a seguinte: *pensar que o principal problema seja determinado erro da outra parte é dar um grande passo para cair no outro erro*. Se não conseguirmos perceber o que Sinclair Ferguson está dizendo — que tanto o legalismo quanto o antinomianismo resultam da incapacidade de entender a bondade e a graça do caráter de Deus —, acabaremos pensando que o remédio de que cada mentalidade realmente precisa é uma pequena dose da outra mentalidade. Segundo essa visão, parece que o remédio para o legalismo se encontra em menos ênfase na lei e na obediência e que o remédio para o antinomianismo está justamente em mais ênfase.

Isso é perigoso. Se você disser aos que se inclinam para o legalismo que eles não devem falar tanto sobre lei e obediência, você os estará levando para o espírito antinomiano, e este não tem condições de entender a lei como uma dádiva maravilhosa de Deus. Se você disser aos que se inclinam para o antinomianismo que devem apontar mais para as ameaças divinas e falar mais sobre os perigos da desobediência, você os estará levando a um espírito legalista que considera a lei uma aliança das obras e não uma forma de honrar e agradar aquele que os salvou pela graça.

Por fim, este livro me mostrou que *a cura tanto para o legalismo quanto para o antinomianismo está no evangelho*. Ferguson escreve:

O evangelho existe para nos libertar dessa mentira. Pois ele revela que, por trás da vinda de Cristo e de sua morte por nós, e nelas manifestado, encontra-se o amor de um Pai que nos dá tudo o que ele tem: primeiro, seu Filho para morrer por nós e depois seu Espírito para viver dentro de nós. [...] Existe somente uma cura

legítima para o legalismo. É o mesmo remédio que o evangelho prescreve para o antinomianismo: compreender e experimentar a união com Jesus Cristo. Isso conduz a um novo amor pela lei de Deus e à obediência a essa lei.

A raiz de ambos os erros é uma só e, por isso, a cura é a mesma: exaltar a essência da bondade e do amor de Deus por meio de uma nova narrativa do evangelho que transforma a obediência em alegria. O remédio para ambos os erros está em um entendimento da graça e do caráter de Deus que seja mais pleno, bíblico e profundo.

Este livro engloba uma variedade de linhas de pesquisa e argumentos muito úteis. Apenas para mencionar dois exemplos, Sinclair Ferguson nos mostra como a teologia da nova perspectiva de Paulo, em alguns casos, pode dar asas a uma leitura mais legalista da Bíblia, ao passo que os críticos da tradicional natureza tríplice da lei do Antigo Testamento — moral, cerimonial e civil — podem apoiar uma mentalidade antinomiana. Entretanto, pensando em nossos debates atuais sobre essas questões, seguem-se as principais inferências que fiz deste ótimo livro.

Calvino refere-se à justificação como “eixo principal” ou “ponto principal sobre o qual a religião se sustém”. Ele prossegue dizendo que, “salvo se antes de tudo apreendas em que posição estejas diante de Deus e de que natureza seu juízo é em relação a ti [...], não tens fundamento sobre o qual possas erigir a piedade para com Deus”.⁸ De uma coisa podemos estar certos, a saber, que nossa condição de justificados diante de Deus não pode ser “um motivo dentre muitos”. Esse deve ser o alicerce de todos os nossos pensamentos, sentimentos e práticas; caso contrário, nossa condição original — nossa crença de que Deus não é *por* nós — nos arrastará de volta a uma aliança das obras.

⁸João Calvino, *As institutas*, tradução de Waldyr Carvalho Luz (São Paulo: Cultura Cristã, 2006), 3.11.1, 4 vols.

Se for verdade, contudo, que nosso principal problema está na incredulidade em relação ao amor e à bondade de Deus, será simplista demais afirmar que “a única coisa necessária para a santificação é crer em sua justificação”. Essa postura poderá levá-lo a tentar curar um espírito legalista unicamente com menos ênfase na lei. Precisamos mais do que uma fé abstrata que nos diga que ficaremos isentos de punição; precisamos de uma visão renovada de Deus. No entanto, em sua obra sobre a mortificação, John Owen mostra que a resposta não se encontra tampouco em uma simples afirmação como esta: “Aquilo de que precisamos para nossa santificação é de um esforço bastante árduo que nos santifique”. Owen defende a ideia de que a raiz de nosso comportamento pecaminoso está na incapacidade de odiar o pecado em si, e isso tem origem na tendência de ver a obediência simplesmente como meio de evitar o perigo e de ter uma vida boa — não como meio de amar e conhecer Jesus por aquilo que ele é.

Assim, o crescimento na graça não deriva simplesmente do ato de crer mais em nossa justificação, embora devamos meditar diariamente nessa realidade. Visto em toda a sua abrangência, tal crescimento é produto da ação do evangelho da graça na raiz de nosso pecado — a falta de confiança na bondade de Deus e o amor desordenado por outras coisas. Quando contemplamos a glória de Cristo no evangelho, acontece um reordenar dos afetos de nosso coração, de modo que passamos a nos agradar dele profundamente, e as outras coisas que dominavam nossa vida perdem o poder de nos escravizar. Essa é a santificação que acontece quando mergulhamos profundamente no evangelho, mas não basta dizer a si mesmo que você foi aceito e perdoado, por mais fundamental que isso seja. Neste livro, Sinclair Ferguson nos mostra que entender corretamente essa verdade é importante para nossa pregação e eficácia pastoral.

INTRODUÇÃO

Somente Cristo: *legalismo, antinomianismo e a certeza do evangelho* contém uma história que começa na Escócia no início do século 18 e faz um breve retrocesso de setenta anos em direção à Inglaterra e à composição de um livro incomum e desconhecido, escrito na forma de um diálogo socrático. Quatro são as personagens que dele participam: um jovem cristão, um legalista, um antinomiano e um ministro do evangelho. Trata-se de um mosaico de citações do melhor da espiritualidade dos períodos da Reforma e do puritanismo.

Se não fosse um pastor escocês, que encontrou o livro numa casa de sua desconhecida paróquia nas fronteiras da Escócia, ele não sairia da condição de uma obra relativamente pouco lida. Essa descoberta do livro foi o que motivou, duas décadas depois, uma controvérsia teológica que marcou para sempre o título do livro na história da igreja.

Avançando 260 anos, chegamos à origem desta obra que o leitor tem em mãos. Na primavera de 1980, uma carta chegou à nossa casa em Glasgow, na Escócia. Ela trazia um convite para falarmos no final do ano em uma conferência para pastores em Indianápolis, abordando o seguinte tema: “Lições pastorais extraídas da controvérsia do cerne”.

Fiquei perplexo com o tema e é provável que você também fique: “Você está falando sério?”. Se não fossem a aventura de visitar os

Estados Unidos (eu havia estado lá apenas uma vez até então), o respeito pelo ministro que me fez o convite e o privilégio de falar a outros pastores numa época em que eu ainda era bem jovem, é provável que eu tivesse declinado o convite. Um ministro dos dias de hoje não poderia ser criticado se pensasse que “Lições pastorais extraídas da controvérsia do cerne” é tão desconcertante quanto um “Conto vegetariano para pastores”! Talvez algum escocês que estudasse teologia tivesse ouvido falar dessa controvérsia e do livro que está por trás dela, mas será que alguém mais saberia do que se trata?

Hoje, passadas mais de três décadas, há uma lembrança que para mim ainda está bem viva. Poucos dias antes da data em que eu viajaria para a conferência, minha esposa, Dorothy, trouxe-me café no gabinete. Lembro-me de que olhei para as anotações que estava fazendo e disse com certo desespero: “Não sei por que estou gastando tempo com isso. Não consigo imaginar que exista alguém nos Estados Unidos que tenha o menor interesse pela controvérsia do cerne!”.

A conferência chegou e passou. Logo me senti grato por ter ido. Gostei da conferência; as preleções me pareceram relevantes; e durante o evento fiz várias amizades que durariam por toda a minha vida.

Voltei para casa, e a vida seguiu em frente.

Três anos depois, em 1983, nossa família mudou-se para a Filadélfia, onde passei a integrar o corpo docente do Westminster Theological Seminary e iniciei uma longa temporada de ministério nos Estados Unidos. Desde essa época, em quase todos os lugares em que fui pregar, dar alguma palestra ou alguma aula, *alguém* se aproximava de mim e dizia: “Eu ouvi as suas fitas [isso mesmo, ‘fitas’!] sobre o cerne”. A vida cristã, e com certeza o ministério, estão cheios de surpresas. William Cowper tinha razão: “Deus segue por caminhos misteriosos para suas maravilhas operar”.⁹

Há razões para interesse nesse assunto aparentemente insondável. À primeira vista, a controvérsia do cerne dizia respeito à forma de pregarmos o evangelho, ao papel, se é que existe algum,

⁹William Cowper, *Light shining out of darkness*, mais conhecido pela primeira linha: “God moves in a mysterious way” [Deus se move de modo misterioso] (1774).

que a lei de Deus e a nossa obediência desempenham na vida cristã e ao que significa ter a certeza da salvação. Mas, no fundo, essas questões sempre dizem respeito ao próprio evangelho.

São temas que estiveram no centro das atenções em períodos específicos da história da igreja, mas representam apenas a ponta do iceberg. Eles têm uma pertinência perene, pois por trás deles se encontra uma questão fundamental: “Quem é o Deus que passamos a conhecer em Jesus Cristo (Jo 17.3)? Como ele de fato é — em toda a sua plenitude e profundidade?”. A postura que caracteriza minha vida cristã refletirá a resposta que dou a essas perguntas.

Essa era a questão profundamente encravada na controvérsia do cerne. Nesse sentido, refletir sobre essa controvérsia jamais pode ser um mero hobby de um especialista em antiguidades, nem um simples exercício acadêmico.

Ao longo dos anos, as pessoas têm me perguntado se o conteúdo apresentado nas palestras daquela conferência seria algum dia publicado em livro. Outros que costumam dar palestras (principalmente se já leram as transcrições do que eles de fato falaram!) sabem que pegar o conteúdo preparado para uma ocasião eventual e transformá-lo em livro normalmente é uma metamorfose que exige mais tempo e energia do que o preparo do material em primeira instância. Nas décadas seguintes, por uma questão de necessidade, empreguei meu tempo e energia em outras tarefas. Mas no fundo eu nunca deixei de me perguntar: “Quem sabe um dia?”.

Esse dia chegou.

O que é *Somente Cristo*? Não se trata de um estudo do livro *The marrow of modern divinity* em si, embora eu faça referência a ele. Também não se trata de uma análise histórica da muitas vezes acalorada controvérsia do cerne, embora ela sirva de contexto para este livro. Tampouco se trata de um estudo da teologia de Thomas Boston, apesar de seu nome surgir com alguma regularidade.

Talvez a melhor maneira de descrever este livro seja apelar para o universo da música clássica: *Somente Cristo* poderia perfeitamente ter como subtítulo: “Variações nos temas da *controvérsia do cerne*”. Trata-se de uma ampla reflexão acerca das questões pastorais e